



PREVALÊNCIA E FATORES ASSOCIADOS À AUTOMEDICAÇÃO ENTRE UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS: UMA REVISÃO DA LITERATURA DOS ÚLTIMOS CINCO ANOS (2018-2023)

Vanweynne Pinheiro Nascimento¹

Daniel Freire De Sousa²

RESUMO

A automedicação oferece diversos riscos à saúde individual e coletiva de seus praticantes, portanto, estabelecer uma estimativa precisa da taxa de automedicação entre universitários é fundamental para orientar a formulação de políticas de saúde e programas educacionais voltados para a prevenção dessa prática nessa população específica. Nesse sentido, o presente trabalho traz uma revisão sistemática da literatura nacional publicada entre os anos de 2018 e 2023 acerca da prevalência de automedicação entre estudantes universitários brasileiros e os fatores associados a esta prática no referido contexto populacional. Trata-se de uma revisão sistemática da literatura, do tipo analítica, descritiva e interpretativa. As bases de dados utilizadas para a pesquisa bibliográfica foram o Portal da Biblioteca Virtual em Saúde e o Portal Periódicos Capes. Foram selecionados seis estudos transversais, que em conjunto apresentaram prevalência geral de automedicação de cerca de 95,1%, considerando uma amostra total de 1.594 estudantes, distribuídos em seis instituições de ensino superior de cinco estados do país. Pessoas do sexo feminino e com idade entre 18-25 anos apresentaram maior associação com a prática de automedicação, além disso, foram demonstradas associações estatisticamente significativas entre possuir plano de saúde privado e automedicação. Com relação ao perfil de medicamentos utilizados, analgésicos e antitérmicos foram consistentemente as classes de medicamentos mais usadas na automedicação em todos os estudos analisados. Em resumo, os resultados desses estudos sugerem que a automedicação é uma prática comum entre discentes universitários brasileiros. A promoção de ações de educação sobre o uso responsável de medicamentos com estudantes universitários pode ser bastante relevante para a abordagem desse problema no contexto acadêmico.

Palavras-chave: Automedicação; Estudantes universitários; Prevalência; Fatores associados.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Ciências da Saúde, Discente,
vanweynnepnascimento@gmail.com¹

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Ciências da Saúde, Docente,
daniel@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

A automedicação, definida como a autoadministração de tratamentos farmacológicos sem prescrição médica, em resposta a um problema de saúde autorreconhecido, é uma prática que abrange desde o autocuidado até a prevenção e gestão de doenças (BEHZADIFAR et al., 2020). No entanto, quando realizada de forma indiscriminada, a automedicação pode desencadear consequências graves, incluindo surgimento de comorbidades, atrasos no diagnóstico de doenças ou mascaramento de patologias subjacentes, desenvolvimento de resistência a medicamentos, podendo resultar em dependência, intoxicação, desenvolvimento de tolerância farmacológica o até mesmo óbito (KATZUNG & TREVOR, 2014; AQUINO, 2008).

No contexto específico dos universitários, estes se destacam como um grupo vulnerável à automedicação. Em particular, os estudantes, devido ao seu nível educacional mais elevado e à capacidade de acesso a informações sobre medicamentos, tendem a apresentar maior propensão à automedicação (HOOPER et al., 2005). Além disso, estudos apontam que pelo menos 35% dos medicamentos que comprados em farmácias e drogarias no país são comprados sem receita ou recomendação médica ou de outro profissional da saúde, e, em sua maioria, os compradores são acadêmicos (CARVALHO et al., 2005). Portanto, estabelecer uma estimativa precisa da taxa de automedicação entre universitários é fundamental para orientar a formulação de políticas de saúde e programas educacionais voltados para a prevenção dessa prática.

Nesse sentido, este estudo, realizado no contexto do Programa de Iniciação Científica da Unilab (Pibic-Unilab, Edital Proppg 02/2022 - Unificado), baseia-se em uma análise da literatura nacional publicada nos últimos cinco anos (2018-2023) a partir de pesquisas observacionais, notadamente estudos transversais, que avaliaram a automedicação entre estudantes universitários brasileiros.

Além de investigar a prevalência dessa prática, também foram examinados fatores como sexo, idade, área de estudo, influências sociais e econômicas que podem estar associados à automedicação. Esta análise visa contribuir para a formulação de políticas de saúde e programas de educação direcionados a essa população específica, dentro e fora da Unilab, além de fornecer insights sobre as tendências da automedicação ao longo dos últimos cinco anos no Brasil.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão sistemática da literatura, do tipo analítica, descritiva e interpretativa (DE-LA-TORRE-UGARTE-GUANILO et al., 2011; BARROSO et al., 2003). As bases de dados utilizadas foram a Biblioteca Virtual em Saúde, que agrupa dados de outras bases importantes como LILACS e MedLine, e o Portal de Periódicos Capes, que inclui publicações detectadas em bases como Scielo, PubMed e outras. Os termos utilizados para a busca nas bases de dados, selecionados a partir dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), foram "automedicação" e "estudantes", articulados por meio do operador booleano AND. Os critérios de inclusão definidos foram os seguintes: estudos publicados nos últimos 5 anos (2018-2023), em língua portuguesa, realizados no Brasil, com disponibilidade de texto completo na Internet. Foram excluídos estudos não observacionais ou que não relataram dados acerca de prevalência ou frequência de automedicação, revisões da literatura, dissertações, teses, relatos de experiência, artigos de reflexão e editoriais; além de pesquisas que não tratassem diretamente sobre o tema da automedicação, ou que não abordassem especificamente a população considerada (estudantes universitários), ou, ainda, que limitassem



a automedicação à uma classe farmacológica particular. Por conseguinte, foi feita uma análise preliminar dos títulos, dos resumos e, em alguns casos, da introdução ou da metodologia dos artigos encontrados, com a aplicação dos critérios de inclusão e de exclusão, bem como a identificação dos artigos duplicados. A análise da qualidade metodológica das publicações selecionadas foi feita por meio do instrumento desenvolvido por Berra et al. (2008), que classifica a qualidade dos trabalhos analisados em "alta", "média" ou "baixa" (BERRA et al., 2008). Foram excluídos da revisão sistemática os artigos que receberam classificação metodológica "baixa". A busca, a seleção e a análise dos artigos foi feita por dois pesquisadores, independentemente, e as divergências foram resolvidas por consenso.

A busca, realizada entre os meses de julho e setembro de 2023, resultou em um total de 417 achados; sendo 308 no Portal da BVS e 109 no Periódicos Capes. Após a análise preliminar dos artigos (leitura do título, resumo e, quando necessário, introdução/metodologia), para a identificação de duplicidade e aplicação dos critérios de inclusão e de exclusão, foram separados 10 textos para a leitura na íntegra e avaliação da qualidade metodológica, sendo 6 do Portal BVS e 4 do Periódicos Capes. Destes 10 artigos, 6 foram selecionados para a revisão sistemática. Quatro artigos, dos que foram lidos completamente, não foram incluídos na revisão sistemática por não terem atendido aos critérios de qualidade metodológica definidos para esta revisão. Assim, foram selecionados os estudos de Alves et al. (2019), Nascimento et al. (2019), Tognoli et al. (2019), Bohomol et al. (2020), Araújo Júnior et al. (2021) e Lima et al. (2022).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a tabulação dos principais dados e informações dos referidos artigos, observou-se que a prevalência geral de automedicação relatada nos estudos ficou entre 80,1% e 99,2%, com uma média de prevalências de cerca de 95,1%, considerando uma amostra total de 1.594 estudantes, distribuídos nas seguintes instituições: Centro Universitário de Estudos Superiores de Alagoas (CESMAC-AL), Universidade Brasil (SP), Universidade Estadual do Piauí (UESPI-PI), Universidade Federal do Amazonas (UFAM-AM), Universidade Federal da Paraíba (UFPB-PB) e Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP-SP).

Considerando a média de prevalências de automedicação dos estudos analisados nesta revisão sistemática, que foi de 95,1%, pode-se dizer que esta prática, entre os estudantes universitários brasileiros, apresenta uma frequência muito mais alarmante que aquela apresentada mundialmente por esta população específica (universitários), conforme estudo realizado por Behzadifar et al. (2020), que apontou uma prevalência global de cerca de 70,1%. Quando comparado com os resultados de uma revisão sistemática que avalia a automedicação na população adulta brasileira como um todo (DOMINGUES et al., 2015), onde foi identificada uma prevalência de 35,0%, a prática de automedicação entre os universitários do país se mostra ainda mais prevalente e preocupante, revelando que esta parcela da sociedade brasileira é uma das que mais está atrelada à referida prática no Brasil (ARRAIS et al., 2016).

Um fator que possivelmente explica a elevada prevalência de automedicação em estudantes universitários pode ser, justamente, o alto nível de escolaridade destes (BEHZADIFAR et al., 2020). Nesse sentido, o conhecimento sobre medicamentos entre os estudantes tem sido relatado como o fator-chave para a prática da automedicação, sobretudo quando se trata da população universitária, que tende a buscar informações, principalmente na internet, sobre diferentes medicamentos e seus usos e efeitos, acabando por dispensar a orientação médica e utilizar esses medicamentos por conta própria (BEHZADIFAR et al., 2020;

BRIMSTONEB et al., 2007; TENAW et al., 2004).

Dos seis estudos selecionados para esta revisão sistemática, somente um (LIMA et al., 2022) abrangeu acadêmicos de diversas áreas profissionais, enquanto que os outros cinco focaram em estudantes de áreas da saúde, especificamente em discentes de enfermagem (ALVES et al., 2019; BOHOMOL et al., 2020; ARAÚJO JÚNIOR et al., 2021), de medicina (NASCIMENTO et al., 2019; TOGNOLI et al., 2019) e de odontologia (ARAÚJO JÚNIOR et al., 2021). Muitas pesquisas são feitas nesse sentido, pois se considera que os acadêmicos das ciências da saúde detêm diversos conhecimentos acerca do funcionamento dos medicamentos e suas indicações, o que pode influenciar na prática da automedicação (BEHZADIFAR et al., 2020; LOPES et al., 2017).

Contudo, apesar de o estudo de Lima et al. (2022) apresentar uma prevalência geral (80,1%) menor que aquelas relatadas nos outros trabalhos selecionados para esta revisão sistemática (96,56%; 97,1%; 98,6%; 99,0%; 99,2%), não se pode dizer que isso se deve ao fato de ele incluir estudantes de outras áreas, além da saúde, em sua investigação, pois sua análise estatística conclui que o consumo de medicamentos sem prescrição é frequente entre estudantes de graduação independentemente da área de conhecimento, corroborando com alguns achados relatados na literatura (TARLEY et al., 2018; MONTANARI et al., 2014; GALATO et al., 2012).

A notável e consistente tendência de uma participação majoritária de pessoas autodeclaradas do gênero feminino em todos os estudos, que variou de 65,31% a 84,0%, pode indicar que as estudantes do sexo feminino são mais propensas à automedicação. O estudo de Araújo Júnior et al. (2021), por exemplo, relata, com base nos cálculos estatísticos realizados com os dados da referida pesquisa, que os indivíduos do gênero feminino tinham associação positiva com a prática de automedicação, semelhantemente a alguns outros levantamentos, os quais observaram que universitárias do sexo feminino apresentam maior prevalência de utilização de medicamentos sem prescrição médica (PATEL et al., 2013; GUTEMA et al., 2011).

Com relação ao perfil etário identificado nas pesquisas, a maioria dos participantes, em todos os estudos, tinha entre 18 e 25 anos, com algumas variações nas faixas etárias, sugerindo que os estudantes mais jovens parecem ser mais propensos à automedicação (CORREIA et al., 2019; DOMINGUES et al., 2017). Por outro lado, poucos estudos forneceram informações sobre renda, e os dados disponíveis não parecem indicar uma associação direta entre renda e automedicação; entretanto, foram demonstradas associações estatisticamente significativas entre possuir plano de saúde privado e automedicar-se (TOGNOLI et al., 2019). Doravante, embora as informações sobre renda familiar variem entre os estudos aqui revisados, uma tendência geral revela que uma parcela significativa dos participantes pertence a famílias com renda de até 2-3 salários mínimos, um dado que sugere que a automedicação também pode estar relacionada à acessibilidade econômica aos medicamentos.

Com relação ao perfil de medicamentos utilizados, analgésicos e antitérmicos foram consistentemente as classes de medicamentos mais usadas na automedicação em todos os estudos. Isso pode estar relacionado à busca por alívio rápido da dor. Anti-inflamatórios não-esteroidais (AINEs) também foram relatados como amplamente utilizados na automedicação, sobretudo pensando que a maioria deles dispensa de receita médica para obtenção.

CONCLUSÕES



Em resumo, os resultados desses estudos sugerem que a automedicação é uma prática comum entre estudantes universitários brasileiros, com prevalências extremamente altas. Essa prática pode ser influenciada por fatores como praticidade, conhecimento próprio e influências sociais. A promoção de ações de educação sobre o uso responsável de medicamentos com estudantes universitários pode ser bastante relevante para a abordagem desse problema no contexto acadêmico. Além disso, as diferenças de gênero e outros fatores associados à automedicação podem ser explorados em estudos futuros para uma compreensão mais aprofundada desse fenômeno.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Unilab pelo financiamento da pesquisa intitulada PVS1771 - TRATAMENTOS UTILIZADOS PARA INFECÇÃO POR COVID-19 DURANTE A PANDEMIA: AVALIAÇÃO DA TERAPÊUTICA, AUTOMEDICAÇÃO E DOS PROTOCOLOS ADOTADOS POR ESTUDANTES DE UMA UNIVERSIDADE INTERNACIONAL INSTALADA NOS MUNICÍPIOS DE ACARAPE E REDENÇÃO (CEARÁ) e executada entre 01/10/2022 e 30/09/2023, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) da Unilab.

REFERÊNCIAS

- ALVES, D. R. F. et al. Automedicação: prática entre graduandos de enfermagem. **Rev enferm UFPE on line.**, Recife, 13(1):363-70, fev., 2019.
- AQUINO, D. S. da. Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade? **Ciência & Saúde Coletiva**, v.13, p.733-736, 2008.
- ARAÚJO JÚNIOR, A. G. de et al. Prevalência da automedicação em acadêmicos de odontologia e enfermagem em uma instituição pública brasileira. **Arquivos em Odontologia**, v. 57, p. 26-35, 2022.
- ARRAIS, P. S. D. et al.. Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors. **Revista de Saúde Pública**, v. 50, 2016.
- BARROSO, J. et al. The challenges of searching for and retrieving qualitative studies. **West J Nurs Res**. 2003 Mar; 25(2):153-78.
- BERRA, Silvina et al. Instrumento para la lectura crítica y la evaluación de estudios epidemiológicos transversales. **Gac Sanit**, Barcelona, v. 22, n. 5, p. 492-497, out. 2008.
- BEHZADIFAR, M. et al. Prevalence of self-medication in university students: systematic review and meta-analysis. **East Mediterr Health J**. 2020, Jul, 23;26(7):846-857. doi: 10.26719/emhj.20.052.
- BOHOMOL, E. et al. Prática de automedicação entre estudantes de enfermagem de instituição de ensino superior. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 19, 4 fev. 2020.
- BRIMSTONEB, R. et al. Behaviour of medical students in seeking mental and physical health care: exploration and comparison with psychology students. **Med Educ**. 2007; 41(1):74-83.
- CARVALHO, M. F. et al. Utilization of medicines by the Brazilian population. **Cad Saude Publica.**, 21 (Suppl), 2005, pp. 100-108.



DE-LA-TORRE-UGARTE-GUANILO, M. C. et al. Revisão sistemática: noções gerais. **Rev Esc Enferm USP**. 2011; 45(5):1260-6.

DOMINGUES, P. H. F. et al.. Prevalence of self-medication in the adult population of Brazil: a systematic review. **Revista de Saúde Pública**, v. 49, 2015.

DOMINGUES, P. H. F. et al. Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional. **Epidemiol. Serv. Saude**, Brasília.2017; 26(2):319-30.

GALATO, D. et al. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. **Cien Saude Colet**. 2012;17(12):3323-30.

GUTEMA, G. B. et al. Self-medication practices among health sciences students: the case of mekelle university. **J Appl Pharm Sci**. 2011;1(10):183-9.

HOOPER, C. et al. Where students go when they are ill: how medical students access health care. **Med Educ**. 2005 ;39(6):588-93.

HUGHES, C. M. et al. Benefits and risks of self medication. **Drug Saf**. 2001;24(14):1027-37.

KATZUNG B. G.; TREVOR, A. J.. **Farmacologia básica e clínica**. 12a ed. Porto Alegre: Artmed; 2014.

LIMA, P. A. V. et al. Self-medication among undergraduate students from the countryside of Amazonas. **Acta Paul Enferm**, v. 35, eAPE039000134, May. 2022.

LOPES, A. D. M. et al. Automedicação entre graduandos das áreas de saúde e exatas da faculdade ciências da vida na cidade de sete lagoas/MG. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, v. 5, n. 1, 2017.

MONTANARI, C. M. et al.. Automedicação em acadêmicos de uma universidade pública do sul de Minas Gerais. **Tempus Acta Saúde Colet**. 2014;8(4):257-68.

NASCIMENTO, C. S. do et al. Avaliação da automedicação entre estudantes de medicina de uma instituição de ensino de Alagoas. **Revista de Medicina**, v. 98, n. 6, p. 367-373, 2019.

PATEL, M. M. et al.. Self-medication practices among college students: a cross sectional study in Gujarat. **Natl J Med Res**. 2013;3(3):257-60.

TARLEY, M. G. et al.. Estudo comparativo do uso da automedicação entre universitários da área da saúde e universitários de outras áreas não relacionados à saúde na universidade de Marília-SP. **Brazilian J Surg Clin Res**. 2018;23(1):22-7.

TENAW, A. et al. Self medication practice in Addis Ababa. **Ethiop J Health Sci**. 2004; 14(1):1-13.G

TOGNOLI, T. A. et al. Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis - São Paulo. **J. Health Biol Sci**. 2019; 7(4): 382-386.